
Notas Bibliográficas

HAHN, Udo: *Heiliger Geist*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2001. 63 pp., 8,5 X 11,5 cm. Coleção GTB, 685. ISBN 3-579-00685-1.

O A. se define como teólogo e jornalista. Pertence à tradição evangélica. Elabora uma teologia do Espírito Santo para responder a enorme carência de estudos acessíveis ao fiel simples nesse momento em que explodem fenômenos pentecostais e carismáticos, invocando a presença do Espírito Santo. Livro claro, breve, exato. A sua teologia protestante corresponde perfeitamente à católica.

Uma primeira abordagem trata do Espírito no Antigo Testamento. A leitura no original alemão dificulta distinguir quando o termo "espírito" se refere a uma realidade divina ou humana, já que em alemão todo substantivo se escreve com letra maiúscula. Numa eventual tradução, redobrada atenção se faz necessária para tal distinção. Na Escritura, o termo "espírito" transita por essas duas esferas. O A. tratou desse termo na Escritura, sem fazer tal distinção.

Ele estuda suas diferentes manifestações. O Espírito é a sede dos ânimos, dos sentimentos, das paixões. Ele capacita as pessoas para tarefas de juiz, de liderança, de força física, (Sansão estraçalha um leão). Ele arrebatava (Elías: 2 Rs 2,16), etc.. Pode produzir também o mal. É o mau espírito que assombrava, p. ex., a Saul (1 Sm 16,14s). O Espírito é também uma força criadora na natureza, como aparece no início do Gênesis, em todo ser vivo e nas pessoas enquanto viverem (Gn 6,3). O Espírito não só cria, mas também leva as criaturas a sua plenitude (Jl 3,1).

No Novo Testamento, o A. mostra o Espírito atuando em Jesus durante sua vida. Merece relevo a sua presença na ressurreição. O Espírito é o Paráclito, o Consolador, o que ajuda. Pentecostes apresenta-nos uma comunidade do Espírito Santo. Um parágrafo mais longo estuda a ação do Espírito Santo no fiel. Produz nele a fé como resposta pessoal. Ele está na origem da oração. Paulo nos fala do Espírito filial que recebemos. Ele nos une ao Pai pelo vínculo do amor. É Espírito de liberdade. O Novo Testamento enumera uma série de dons do Espírito Santo. Seu sentido não é em vista de nós mesmos, mas para a construção da Igreja. O A. aborda mais especificamente o dom da palavra, do agir, da liderança, do discernimento dos espíritos. Conclui esse capítulo breve, mas substancioso e bíblico, aprofundando a fé no Espírito Santo, o batismo como dom do Espírito Santo e o enigmático problema do pecado contra o Espírito que não tem remissão. O contexto maior parece indicar que o pecado contra o Espírito é atribuir ao demônio o que é obra do próprio Espírito Santo ou não confiar na força de vida do Espírito Santo ou quando se guarda só para si o que se sabe corretamente.

Numa perspectiva sistemática, a partir dos dois Símbolos de fé, niceno e apostólico, elabora uma concisa teologia trinitária, dentro da qual explicita o Espírito Santo. Breve parágrafo toca as imagens do Espírito Santo na arte. Detém-se na festa litúrgica de Pentecostes e da Santíssima Trindade.

Uma terceira parte é dedicada ao movimento pentecostal, da Renovação carismática tanto no mundo evangélico como católico romano. O A. é muito prudente e moderado nos seus juízos. Faz recuar esse surto espiritualista até seus inícios nos anos 60 e 70 do século XIX nos EE. UU. a partir de um movimento de santificação nascido do metodismo. Acompanha suas vicissitudes até um momento de entendimento entre a Aliança Evangélica Alemã e as Comunidades Pentecostais da Igreja Livre Federal. O livro reproduz textos dessas duas instituições eclesiais evangélicas e pentecostais.

O texto distingue os movimentos pentecostais da Renovação Carismática e alude rapidamente aos neopentecostais. Vê a Renovação Carismática bem articulada com as Igrejas institucionais evangélicas e católica.

Um último capítulo com o título de conseqüências soa realmente como conclusão. Acentua-se o caráter cristológico da ação do Espírito Santo. "Todas as afirmações teologicamente significativas sobre o Espírito Santo são proferidas cristologicamente, relacionadas com Cristo". Reafirma a relação profunda entre a ação do Espírito e a fé em Jesus Cristo. Num traço bem protestante e bonito, o A. acentua a natureza da certeza que o Espírito Santo nos dá na fé, que não é matemática, mas da confiança no meio a tantas dificuldades. Ele não resolve as dificuldades na linha do conhecimento, mas da superação do medo. Ele é força. Age nas palavras, na música, nas pessoas. Anima as pessoas, dá-lhes esperança, alegria. Livra-nos da acomodação e da impotência. E sobretudo seu grande dom em nós é o amor para Deus, para os irmãos, para nós mesmos.

No meio de uma prolixa e barata literatura sobre o Espírito Santo, uma obra como essa, pela concisão, clareza e exatidão teológica, cumpre papel importante. De fácil leitura, permite que se saia com uma idéia bíblico-teológica dessa pessoa trinitária. Vale a pena conferir.

JBL

HEILIGENTHAL, Roman. *Der verfälschte Jesus. Eine Kritik moderner Jesusbilder*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997. IX-143 pp. 19 X 12cm. ISBN 3-534-80206-3.

Roman Heiligenthal, nascido em 1953, é professor de Ciências Bíblicas na Universidade Koblenz-Landau (Alemanha) e discípulo de Klaus Berger, ao qual dedica o livro, mencionando seu empenho em fazer a ponte entre a Teologia e o mundo moderno, "pelo que ele se situa na tradição da melhor teologia liberal" (Berger deve sorrir ironicamente com essa frase).

Um livro despretensioso, mas perspicaz. Escreve-se hoje muito a respeito do "Jesus histórico", mas nem tudo o que leva esse título é digno de fé.

Primeiro, uma questão de princípio e de bom senso. Diante do monte de “vidas de Jesus” que já foram escritas e diante das contradições que elas contêm, devemos concluir que a fé não pode depender dessas vidas de Jesus, pois ninguém se salvaria... Em segundo lugar, no início do século XX, o doutor Albert Schweitzer, antes de se tornar missionário e “médico dos leprosos” na África, escreveu uma tese em Teologia sobre essas “vidas de Jesus” e chegou à conclusão de que elas nos ensinam mais sobre quem as escreveu do que sobre Jesus. O livrinho de Heiligenthal vai na mesma linha. Mas é mais popular e atual: desmistifica ou simplesmente desmascara aquelas fábulas que se encontram nas cabeças do povo hoje: que Jesus entre seus doze e trinta anos foi para a Índia (fábula que se divulgava no fim do século 19); que ele passou sua juventude no Egito (invenção que nasceu na Alemanha por volta de 1910). Ou as histórias amorosas de Jesus com Maria Madalena, coisa dos escritos gnósticos do Egito (século 3), que partem do princípio que tudo deve apresentar-se em “pares”. Ou a fofoca de que Jesus teria sido o filho de um soldado chamado Pantera ou Bandera, inventada entre os séculos V e X. As versões mais recentes dessas invencionices usam dados recentes, fazem de Jesus um essênio, apelam aos documentos do Mar Morto, põem a mortalha de Turim no meio, provam “cientificamente” que Jesus morreu apenas aparentemente na cruz e depois teve uma vida normal com mulher e filhos e está enterrado no sul da França... O impressionante nesse tipo de “informações” é que continuam sendo divulgadas, apesar de mil vezes rebatidas por estudos sérios de historiadores isentos. Os jornais e revistas de divulgação no Brasil gostam de trazer essas histórias para enfeitar suas publicações de Natal e de Páscoa... para estragar a festa.

Que inspira essa literatura? Em alguns casos, ódio contra a Igreja. Em outros, motivos financeiros (esse tipo de literatura vende bem). Mais atenção exigem tentativas – bem intencionadas – de fazer de Jesus um revolucionário social, um “sábio”, um vegetariano, um defensor das mulheres numa sociedade machista, um psicoterapeuta etc. Ele até pode ter contribuído para tudo isso e certamente era sábio, mas também nessas apresentações ficamos sabendo mais sobre quem as escreveu do que sobre Jesus mesmo...

Heiligenthal coincide até certo ponto com o recente livro de Rochus Zuurmond, traduzido com o título “Procurais o Jesus histórico?” (São Paulo: Loyola, 1999). Só na conclusão há uma leve diferença de acento. Zuurmond conclui, mui adequadamente, que o importante no Novo Testamento é descobrir não tanto o Jesus “histórico”, mas o Jesus “narrado”, como manifestação do “rostro” de Deus. Chamá-lo Deus ou filho de Deus não é tanto dizer algo sobre Jesus, mas sobre Deus... Já Heiligenthal insiste mais na *Wirkungsgeschichte*, a história do efeito de sua atuação. De Jesus originou-se uma transmissão de atuação e de compreensão a respeito da vida humana e de Deus, o que não foi o caso dos essênios e de tantos outros judaísmos que existiram no início da “era comum”. E acrescenta uma advertência: as imagens espúrias de Jesus têm sucesso porque as grandes igrejas perderam crédito (p. 126).

O denominador comum de ambas as obras pode ser: o Cristo da fé é aquele cuja narrativa é transmitida pela comunidade que nasceu de sua atuação histórica: pelo fruto conhece-se a árvore. Afinal, cremos aquilo que os discípulos de Jesus creram. Cremos não só em Deus Pai, Filho e Espírito

Santo, mas também na Santa Igreja Católica e Apostólica, ou seja, nossa fé é baseada na fé dos Apóstolos. Só temos acesso a Jesus através do testemunho deles. O primeiro fato de Jesus que chamou a atenção dos historiadores foi a fé dos seus seguidores (“a sombra do galileu”, conforme o título de um livro inteligente do pesquisador G. Theissen, publicado no Brasil pela Ed. Vozes em 1985). Assim, Flávio Josefo menciona na sua história os “nazarenos” e, de passagem, Jesus de Nazaré.

Restam-nos os evangelhos. O que nos ensinam? Aquilo que os Apóstolos aprenderam de Jesus e no que acreditaram. O que era preciso transmitir para que as gerações depois deles pudessem acreditar em Jesus. Um testemunho de fé. Mas esse testemunho tem um conteúdo. Em primeiro lugar: que Jesus deu sua vida por nós. Paulo só quer apregoar Jesus Cristo crucificado (1 Coríntios 1,23). Não está interessado nas andanças de Jesus adolescente. Em sua ressurreição, sim (1 Coríntios 15,1-3), pois esta nos ensina que o que Jesus disse e fez foi ratificado por Deus, mostrando-o, àqueles que nele acreditavam, vitorioso sobre a morte. Para a nossa fé não importa uma biografia exaustiva de Jesus, mas sim, o que os Apóstolos “viram” nele. Nós queremos acreditar na mesma “salvação” que eles enxergaram em Jesus, e para isso eles nos transmitiram bem mais que o necessário.

JK

FISICHELLA, Rino: *Conteúdos Teológicos do Grande Jubileu*. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Tradução do italiano por Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 1999. Coleção Essência. 21 X 12 cm. 34 p. ISBN 85-86259-87-X.

Opúsculo simples, direto. Recorre ao Antigo Testamento para uma primeira aproximação da celebração do Jubileu. Depois desenvolve a relação entre Jubileu e Jesus Cristo, mostrando a centralidade de Cristo. Em seguida, trabalha a idéia de João Paulo II de que o objetivo primário do Jubileu é o fortalecimento da fé. Assinala o subjetivismo da modernidade como o grande desafio à fé e vê nele a fonte de sua crise e da crise de sentido. Termina articulando o perdão com a alegria do Jubileu. Apesar de ser texto bem simples e curto, a sua leitura pode ser muito proveitosa. Bastante eclesial. Talvez trate mais a dimensão individual da Igreja do que a dimensão eclesial do indivíduo.

JBL

ONIMUS, Jean: *Jesús en directo*. Tradução da edição francesa de 1999 por Suso Ares Fondevilla. Santander: Sal Terrae, 2000. 142 pp. 21,5 X 14,5 cm. Coleção "Presencia Teológica", 102. ISBN 84-293-1337-0.

O A. faz investigações sobre Charles Péguy, e autor de vários ensaios sobre literatura e poesia contemporâneas. Seu livro se compõe de seis capítulos, sendo o primeiro a introdução. Parte de um estudo sobre a gênese dos Evangelhos para tentar daí depreender uma figura de Jesus diretamente a partir de suas mensagens mais autênticas. Continuando o A. segue passo a passo a temática da "Acolhida aos excluídos" (capítulo 3); "Em busca do autêntico" (capítulo 4); "O humano" (capítulo 5); "O reino de Deus" (capítulo 6), e uma série de três observações conclusivas.

O A. é um ensaísta, provavelmente competente para crítica literária, mas sem preparo teológico para tratar de temas nesta área. Para ele a Teologia e a Cristologia são uma busca sem fim e sem esperança (p. 20). O autor nem é teólogo, nem amigo deles, nem quer ouvir falar deles. Portanto não dialoga com eles. Afinal, a Teologia não lhe interessa, porque sua visão sobre ela é a mais preconceituosa. Se de fato desejasse fazer um trabalho digno de atenção, honestamente deveria levar a sério aqueles que critica.

Não crê que seja possível atingir a identificação entre o Jesus da história e o Cristo da fé (p. 22). Sua busca é pelo Jesus (histórico) na sua mais pura autenticidade, Jesus 'em primeiro plano', uma figura desvencilhada de tudo o que os estudos posteriores acumularam. Infelizmente não consegue isto, se é que tem em vista unicamente negar a divindade de Jesus, para reduzi-la ao puro Jesus humano, sem nada de divino (p.24). Sua visão da Teologia paulina é absurda (pp. 24.56.58.65-70.104). Seu manejo da bibliografia, indicada nas suas referências bibliográficas, é distorcida. Para um pensador neo-pagão, epicurista (p. 94) tudo bem. Mas para um pensador cristão, cuja obra merecesse fazer parte de uma coleção "*Presencia teológica*", tudo mal. As únicas páginas que trazem algo digno de nota são as pp. 115-122, em que o A. fala do "Amor" autêntico que a figura de Jesus inspira; mesmo assim isto já foi dito por muitos outros autores, e de maneira melhor.

Não se pode reduzir Jesus a um simples mortal, que ainda hoje tem alguma coisa de interessante a dizer, mesmo que isto tenha sido afirmado por alguém como Proudhon, em 1858 (p. 140). Não se pode fazer afirmações diletantes sobre Jesus e sua família com base em meras suposições pessoais (p.25: José seria um 'empresário', Jesus teria 3 irmãos e 4 irmãs ...). O Jesus resultante destas especulações não é absolutamente o "*Jesús en directo*" que um leitor deste livro esperaria encontrar; é o que o A. tem em vista, dentro de suas limitações científicas, porque ignora todos os estudos sérios feitos neste sentido por sérios especialistas neste campo. O título deste livro, portanto, é uma propaganda enganosa, como também ilusória é a titulação de seus capítulos. Um leitor desavisado que se deixasse encantar por tal terminologia, compraria, como diz a expressão popular: "gato por lebre". Como entender que suas editoras tenham caído no mesmo engano?

VM

BERGER, Klaus: *Kann man auch ohne Kirche glauben?* Gütersloh: Quell, 2000. 230 pp., 20,5 X 12,5 cm. ISBN 3-579-03309-3.

O autor é um professor de Escritura do Novo Testamento. Sua preocupação principal não é exegética, mas pastoral. Divide o livro em partes, cujos títulos têm certa originalidade e manifestam o tipo de reflexão conduzida: crer sem Igreja, crer apesar da Igreja, crer por causa da Igreja, crer com a Igreja, crer na Igreja, crer por meio da Igreja. O jogo de preposições revela o movimento do livro.

Ele reflete quase exclusivamente o contexto de Igreja da Alemanha. O autor de tradição luterana conhece e cita com frequência situações da Igreja católica. O nível de reflexão permite muito bem ser entendido e assumido pelo lado católico, já que toca problemas comuns a ambas igrejas.

No crer "crer sem Igreja", analisa a armadilha que o pluralismo, o ecumenismo e o dogmatismo podem ser. Acena para o risco de sacrificar-se a própria identidade num horizonte de tolerância em que todas as religiões têm o mesmo direito. Nesse caminho, parte-se para um individualismo religioso e perdem-se critérios para discernir diante da abundância de ofertas religiosas.

Crer apesar da Igreja aborda o lado escuro da Igreja. A Igreja dos pecadores e de santidade invisível, das pretensões não cumpridas, do esfacelamento em atividades. Em contrapartida, existem na Igreja importantes meios salvíficos contra o mal. Brilha já uma nova luz numa religião da liberdade, da entrega radical, da compaixão, da mensagem da ressurreição.

Crer por causa da Igreja aponta para dois elementos que lhe dão credibilidade. Pessoas de alto nível espiritual que se tornam centro de atração e comunidades de irradiação espiritual. Seriam os dois focos da elipse da Igreja.

Crer com a Igreja aborda a questão dos lugares sagrados, dos sinais religiosos, da fonte de sua força. Propõe uma atualização do que significou na antiga Igreja de Roma as *stationes*.

Crer na Igreja permite um aprofundamento sobre a natureza da Igreja cuja origem é a Trindade. Relaciona a unidade de Deus com a unidade da Igreja. Apresenta a Igreja como sinal da revelação: plenitude da promessa, mistério de fé, cumprimento da história e sua relação com o Reino de Deus.

Crer por meio da Igreja faz descobrir a importância dos sinais. A Igreja é um universo de símbolos, tem estruturas fundamentais simbólicas.

O livro tem sugestões e reflexões originais, provocantes, pastoralmente ricas. Completando as reflexões teológicas, o A. apresenta o que ele chama de "imagens" ou "quadros", consistindo em passagens da Escritura, da Patrística, da Tradição litúrgica, que dão vida ao livro.

JBL